

Junho
2018



BOLETIM DE PETRÓLEO



1 - Cenário Econômico

Junho foi um mês importante para a geopolítica internacional, trazendo boas perspectivas quanto ao crescimento econômico e à estabilidade política mundial, ainda que marcado pelas tensões comerciais entre China e EUA entre outras incertezas.

O fator que mais pesa sobre as expectativas dos investidores ainda é o conflito comercial entre EUA e China, além de outros parceiros comerciais. Em junho, o presidente norte-americano, Donald Trump, impôs tarifas de 25% sobre importações chinesas que somam um valor de US\$ 50 bilhões. Trump justifica essa decisão como uma forma de punir a potência asiática por “roubo de propriedade intelectual e tecnologia”. Em retaliação, Pequim passou a taxar as importações americanas na mesma medida. Por sua vez, o presidente norte-americano anunciou que irá aumentar a abrangência de sua política protecionista caso a China continue com a posição assumida. O governo norte-americano também anunciou que irá impor restrições a investimentos chineses em solo americano. Esse comportamento dos dois países pode levar a uma espiral tarifária e comprometer gravemente os fluxos comerciais mundiais. Trump continua suas críticas à relação comercial entre seu país e a União Europeia, que prometeu retaliar as medidas protecionistas de Trump, enquanto o presidente dos EUA ameaça impor tarifas de 20% sobre veículos importados da Europa. Outro ponto que tem sido alvo de críticas por Trump é a relação dos EUA com outros países da OTAN, uma vez que, de acordo com o presidente norte-americano, os EUA gastam proporcionalmente muito mais com o Tratado que qualquer outro país-membro.

Apesar da grande instabilidade na conjuntura mundial causada pelos assuntos relativos à guerra comercial, certos acontecimentos recentes do cenário internacional trouxeram algum alento, como a reunião entre Trump e o líder norte-coreano, Kim Jong-un. O encontro foi bem recebido por investidores e políticos em todo o mundo, tendo como resultado a assinatura de um acordo de desnuclearização da península coreana e, mesmo com a manutenção das sanções econômicas até que sejam demonstradas medidas concretas em direção à desnuclearização, existem boas perspectivas quanto à paz na região.

As incertezas quanto às relações dos EUA com o resto do mundo ainda não mostram efeitos sobre indicadores econômicos norte-americanos, que se mantém fortes e indicam crescimento. O PMI industrial ISM passou de 57,3 em abril para 58,7 em maio, confirmando as perspectivas de bom desempenho da indústria norte-americana. A balança comercial também mostrou bons resultados em maio, com diminuição do déficit de US\$ 46,2 bilhões para US\$ 43,1 bilhões. Em junho foi divulgado o resultado positivo do PIB dos EUA no primeiro trimestre de 2018, que foi de 2%. Ainda que esse resultado tenha sido pior que o do quarto trimestre de 2017, quando a economia do país cresceu 2,9%,

investidores e industriais ficaram satisfeitos, uma vez que ainda mostra uma sólida tendência de crescimento. O desemprego no país continua baixo e, caiu novamente em maio, de 3,9% para 3,8%, conforme divulgado pelo Departamento de Trabalho dos EUA. Além disso, a remuneração média por hora trabalhada também aumentou, em 0,3%, para US\$ 26,93.

As melhorias nos indicadores de emprego e renda, no entanto, podem ter impactos na inflação, que em maio se manteve no mesmo nível de abril em 0,2%. Na comparação anual, a inflação dos EUA foi de 2,8%. A possibilidade de aumento da inflação e o baixo desemprego causam expectativas de aumento da taxa de juros dos EUA, que se fortalecem com indicações do Fed quanto à possibilidade de diminuir gradualmente sua política de incentivos.

A economia chinesa também apresenta resultados positivos, mesmo que a elevação esteja num ritmo mais lento que há alguns anos. A inflação no país permaneceu estável em maio, em 1,8% na variação anual. O PMI industrial da China, após registrar 51,9 pontos em maio, sofreu uma leve queda em junho, para 51,5. Ainda assim, essa pontuação indica crescimento industrial e reforça a perspectiva de expansão econômica na potência asiática, com boas expectativas quanto ao crescimento do PIB do país neste ano, que deve ficar próximo ao patamar de 6,7%. Fortalecendo a ideia de que as tensões comerciais ainda não afetam gravemente a economia chinesa, foi registrado um superávit de US\$ 24,92 bilhões em maio. O valor é menor que o superávit de US\$ 28,78 bilhões registrado em abril, mas ainda indica um forte fluxo de exportações.

Na Europa, o mês de junho trouxe definições sobre algumas incertezas que abalaram o continente ao longo do mês de maio. A estabilização política na Espanha e na Itália trouxeram grande alívio para os mercados locais e internacionais, que agora focam suas atenções no Brexit e nos conflitos comerciais que envolvem os EUA, a China e a própria União Europeia. Entre as incertezas internas que permanecem, destaca-se que, mesmo com o fim da crise política italiana e a confirmação dada pelo ministro das Finanças, Giovanni Tria, de que o país continuará fazendo parte da Zona do Euro, a decisão do novo governo pelo bloqueio à entrada de novos imigrantes foi criticada por outros países. Em contrapartida, a Itália justificou sua decisão acusando outros países do bloco de não colaborarem o suficiente com a situação migratória no país, que é um dos que mais recebe imigrantes.

A economia da Zona do Euro, por outro lado, mostra um crescimento mais fraco que a chinesa e a norte-americana, e encontra dificuldades em acelerar. Em maio, o PMI Industrial da região caiu de 56,2 para 55,5 pontos. Ainda que esse resultado seja positivo e mostre a expectativa do mercado em relação ao crescimento industrial, percebe-se uma tendência de queda desse indicador desde dezembro de 2017. O saldo da balança comercial da Zona do Euro de abril indica uma forte queda das exportações da região em relação ao mês de março, de € 10,2 bilhões, registrando um superávit

de € 16,7 bilhões em abril. A taxa de desemprego se manteve inalterada entre março e abril, em 8,5%. Mesmo com esses resultados macroeconômicos relativamente fracos, a inflação da Zona do Euro permanece em tendência de alta. Na comparação anual, a inflação da região passou de 1,2% em abril para 1,9% em maio, elevação que enseja expectativas de que o Banco Central Europeu aumente a taxa de juros, atualmente estacionada em 0%.

No Brasil, o cenário econômico de junho continuou sendo influenciado pela greve dos caminhoneiros encerrada no final de maio. O ambiente de incerteza que surgiu durante a negociação do governo com os caminhoneiros seguiu movimentando o mercado, despertando também uma preocupação com o resultado fiscal do setor público em razão da política de preços adotada pela Petrobras. Além disso, investidores também aguardam uma definição mais clara em relação ao quadro eleitoral para presidente, com diferentes expectativas sendo criadas a partir da agenda econômica de cada candidato.

O ambiente desfavorável no exterior causou impactos negativos no mercado doméstico. Com o conflito comercial entre os EUA, a China e a União Europeia, observou-se uma onda de aversão ao risco em escala global, seguida pelo fortalecimento da moeda americana. Assim, houve um menor volume de investimentos em renda variável no mercado de ações e uma intensificação da depreciação cambial.

Na bolsa de valores, o índice da Bovespa caiu de 77.239 para 72.762 pontos durante o mês de junho, chegando a atingir um mínimo de 69.814 pontos. Esse resultado é um reflexo da redução das expectativas para o crescimento do PIB, que segundo o relatório Focus do Banco Central caiu de 2,37% em maio para 1,55% em junho. Por sua vez, a expectativa da taxa de câmbio para o final de 2018 subiu de R\$3,48 para R\$3,70, com a moeda americana atingindo a máxima de R\$3,89 no mês de junho após fechar maio em R\$3,74. Mesmo com as ofertas de swap cambial da autoridade monetária, a alta do dólar pôde ser vista em razão do maior fluxo de divisa americana saindo do Brasil. Esse movimento ocorreu tanto pela preferência por ativos mais seguros motivada pelos atritos comerciais, quanto pela incerteza gerada devido à greve dos caminhoneiros.

A preocupação do Banco Central com a taxa de câmbio pode ser explicada pelo receio de um aumento na inflação. Com a inflação acumulada em 12 meses saltando de 2,86% em maio para 4,39% em junho, a expectativa para a taxa no final do ano segundo o relatório Focus subiu de 3,60% para 4,00% durante o mês de junho. Assim, o impacto do câmbio na inflação poderia motivar um aumento na taxa de juros. No entanto, a preocupação do Banco Central com a atividade econômica, indicada em seu Relatório Trimestral de Inflação, demonstrou uma forte possibilidade de manutenção da Selic

em 6,50% até o final de 2018, com o aumento da taxa ocorrendo apenas no primeiro semestre de 2019.

2 - Preços

O mês de junho foi marcado por queda no preço médio do barril de petróleo, que passou de US\$ 77,01 para US\$ 75,94. No entanto, os valores mínimos e máximos dos meses de maio e junho não sofreram fortes alterações, variando entre US\$ 73 e US\$ 80, aproximadamente. Apesar da queda no preço médio, alguns problemas de oferta em países como Canadá, Líbia e Irã levaram a um aumento do valor do barril, que fechou o mês voltando ao patamar de US\$ 79. A série histórica ilustrada no gráfico 1 mostra a evolução do preço da *commodity* desde 2014.

Gráfico 1 – Preço do Brent



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do The Ice

No gráfico 1, podemos notar uma continuidade no processo de fortalecimento do dólar, reforçando a tendência recente de depreciação cambial. A correlação histórica entre o dólar e o preço do Brent, que em maio apresentou uma mudança de tendência, em junho voltou a ser negativa. Com a moeda americana em alta, é natural que a demanda por petróleo diminua, reduzindo também seu preço, dado que a *commodity* é precificada em dólar.

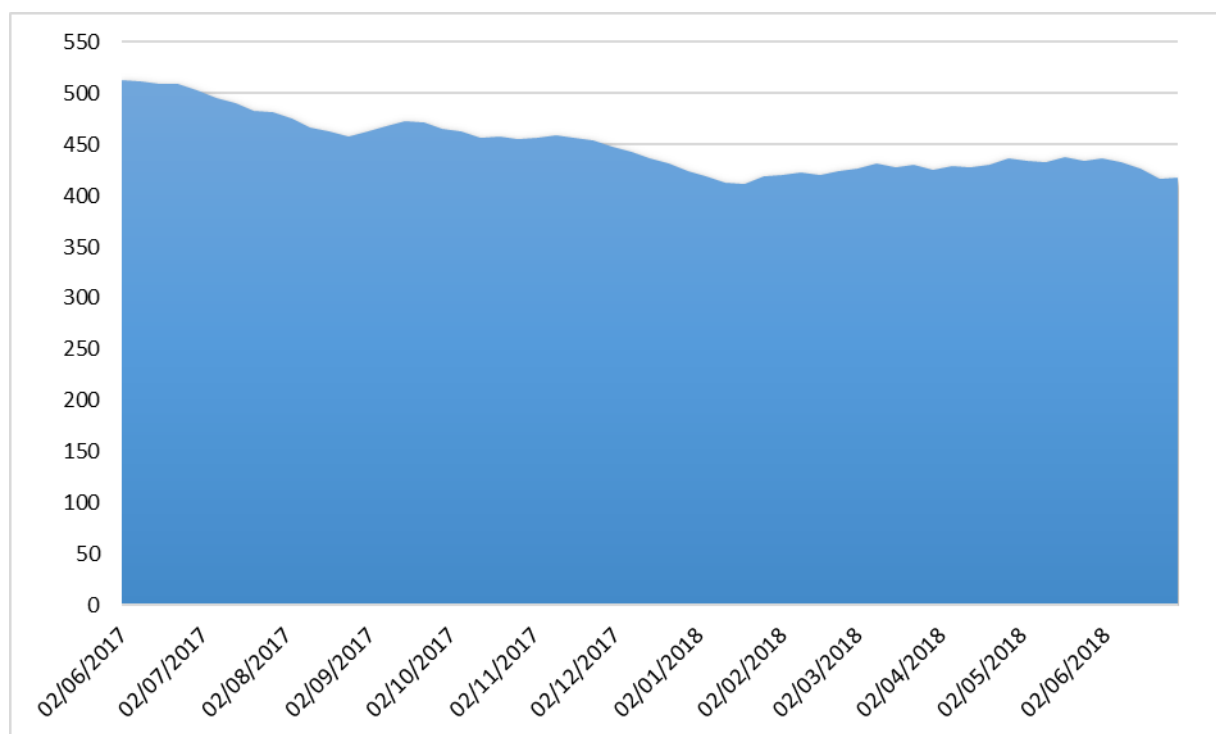
Não obstante esta queda nos preços, a *Energy Information Administration* (EIA) continuou ajustando suas expectativas para cima. A previsão, que em maio era US\$ 70,68 para o ano atual e US\$ 65,98 para o próximo ano, passou a ser US\$ 71,06 e US\$ 67,74 para 2018 e 2019, respectivamente. Apesar do ajuste de elevação, a diferença de maio para junho foi pequena, com o movimento atual de queda e o forte aumento das expectativas de abril para maio impedindo maiores alterações.

A EIA também calcula uma produção média nos EUA de 10,7 milhões de barris por dia (MMb/d) em maio, 80 mil barris por dia (Mb/d) a mais do que no mês de abril. Em relação à expectativa de produção média anual, houve um aumento de 10,7 MMb/d para 10,8 MMb/d no ano de 2018, e de 11,8 MMb/d para 11,9 MMb/d no ano de 2019.

No que se refere aos estoques de petróleo bruto nos países membros da OCDE, podemos observar uma redução nas expectativas para os anos de 2018 e 2019, movimento contrário ao aumento ocorrido em maio. Em junho, o valor apresentado foi de 2,85 bilhões de barris para o ano corrente e de 2,94 bilhões de barris para o próximo ano, caindo 30 milhões no primeiro ano e 70 milhões no segundo ano. Em relação ao segundo trimestre de 2018 também houve um reajuste no cálculo, apresentando redução de 2,85 para 2,84 bilhões de barris.

Nos EUA, o estoque de petróleo bruto diminuiu no mês de junho, principalmente nas duas últimas semanas. Na primeira semana já foi possível observar uma queda de 3 milhões de barris em relação à média de maio, que foi 435 milhões. Nas outras semanas a tendência se manteve, fechando o mês com um estoque de 417 milhões de barris.

Gráfico 2 – Estoques do Petróleo em MMb*



Fonte: Elaboração GOP com base nos dados do Broadcast em MMb* por semana (milhões de barris)

3 - Demanda

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) novamente manteve seu cálculo quanto ao aumento da demanda global por petróleo em 2017, de 1,65 milhões de barris por dia (MMb/d), com média total de 97,20 MMb/d.

Para 2018, a OPEP espera que a demanda mundial de petróleo novamente aumente em 1,65 MMb/d, como divulgado em seu relatório anterior. Com isso, devem ser consumidos, em média, 98,85 MMb/d este ano, o que representa um aumento de 1,70% entre 2017 e 2018. A Organização alterou suas expectativas quanto ao consumo da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que deve apresentar uma elevação no ano de 20 Mb/d em relação ao que se esperava no mês passado. O consumo total da OCDE deve ser de 47,81 MMb/d este ano, um aumento de 400 Mb/d, ou 0,84%. A maior parte é relativa aos EUA. A OPEP estima que o país consumirá 20,48 MMb/d, 300 Mb/d a mais que no ano anterior, um aumento de 1,46%. No tocante a Europa, outra grande consumidora dentre esses países, a expectativa é de um volume 14,47 MMb/d em 2018.

Dentre os países que não fazem parte da OCDE, chama atenção as previsões em relação à Índia. O país, que em 2017 consumiu 4,47 MMb/d, deve ficar no patamar de 4,67 MMb/d

em 2018, um aumento de, aproximadamente, 4,47%. A China também aumentará seu consumo este ano, em 420 Mb/d, ou 3,40%. Assim, a potência asiática deve consumir 12,74 MMb/d em 2018.

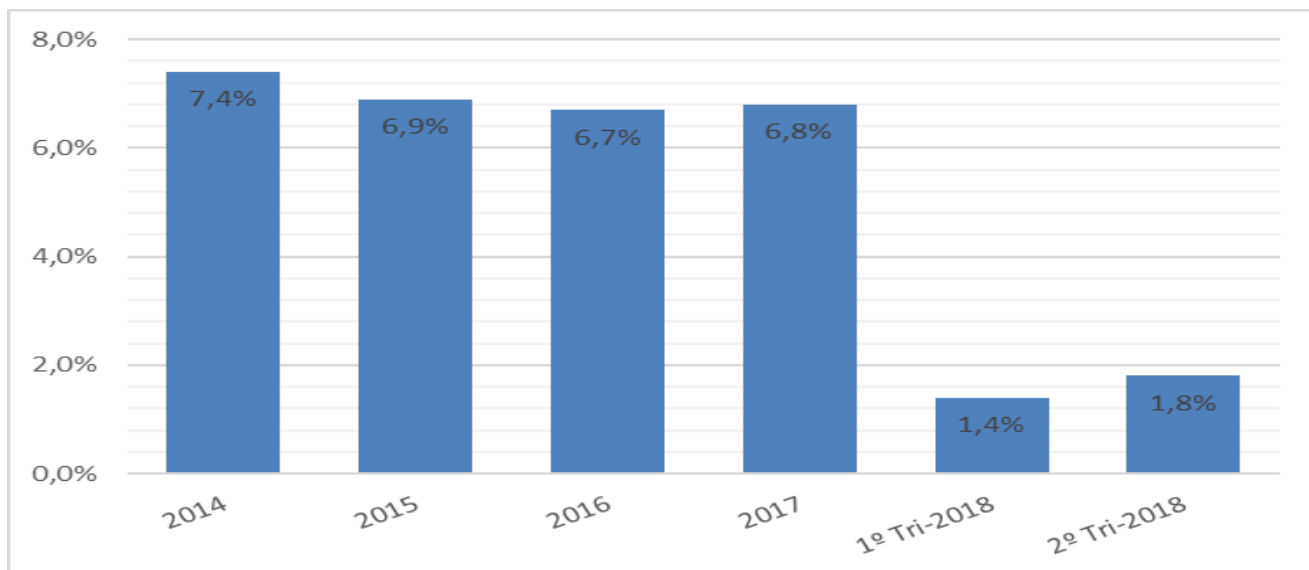
A Energy Information Administration (EIA) espera um aumento da demanda global por petróleo para os anos de 2018 e 2019. De acordo com a agência, o consumo global médio de petróleo em 2017 foi de 98,48 MMb/d, e deve aumentar 1,7%, para 100,2 MMb/d, em 2018, sendo seguido de outro aumento de 1,7%, para 101,91 MMb/d. Esses dados, mesmo indicando uma expansão da demanda global, são menores que os apresentados no boletim divulgado em maio pela EIA, ainda que por uma pequena margem.

Os dados divulgados no mês de junho quanto ao consumo esperado para 2018 e 2019, expostos acima, sofreram redução de 0,1%. Esse reajuste se deve à revisão das expectativas relativas aos países da OCDE, cujo consumo em 2018 deve ser 0,2% menor que o esperado. Assim, esses países devem consumir 47,66 MMb/d neste ano e 48,11 MMb/d em 2019. As estimativas quanto aos países que não fazem parte da OCDE se mantiveram praticamente inalteradas em relação ao mês anterior, apontando um consumo médio de 52,54 MMb/d em 2018 e 53,80 MMb/d em 2019. A China e os EUA se mantêm como grandes consumidores mundiais, e suas demandas devem continuar em expansão, sustentadas principalmente pela boa performance econômica dos dois países. Os EUA, que fazem parte da OCDE, devem aumentar seu consumo em 2,4% em 2018, se comparado ao ano anterior, com uma média de 20,35 MMb/d. Em 2019, sua demanda deve continuar aumentando, ainda que em ritmo mais lento, para 20,68 MMb/d, ou 1,6%. Já o consumo chinês deve crescer 3,5% este ano e 3,4% em 2019, levando a potência asiática às médias de 13,72 MMb/d em 2018 e 14,19 MMb/d em 2019.

Vale ressaltar, que as estimativas entre a OPEP e a EIA se diferem quanto aos seus parâmetros. Enquanto a primeira indica apenas o consumo do petróleo, a segunda leva em consideração o consumo de todos os combustíveis líquidos, o que explica em parte as divergências entre as estimativas da OPEP e da EIA.

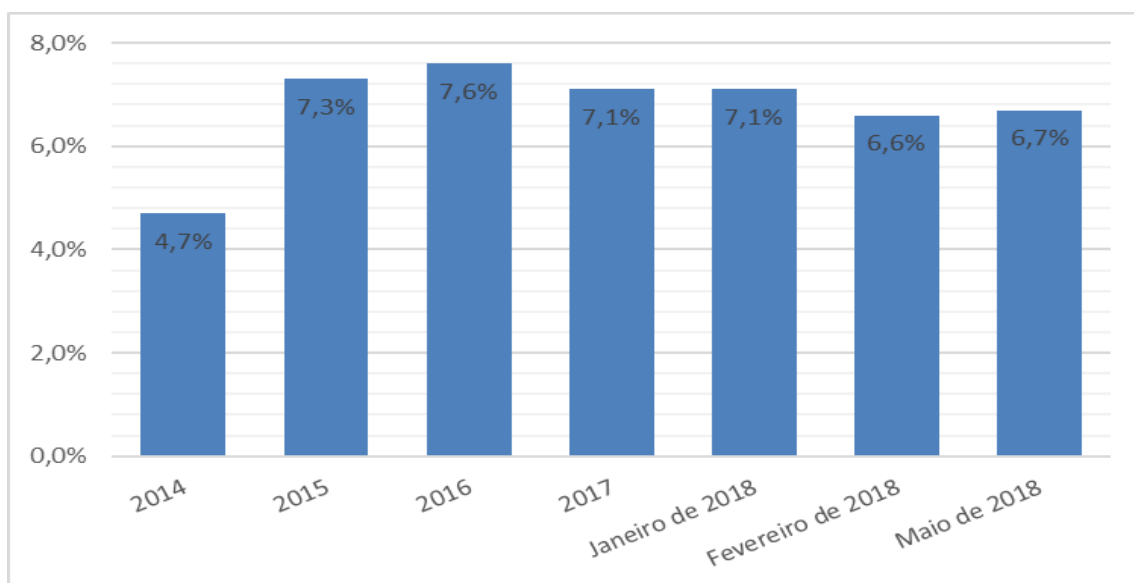
Nos gráficos abaixo, são apresentadas as atividades domésticas da China e da Índia em conformidade com a expansão econômica mencionada desses países e, portanto, da necessidade de consumo da matéria-prima por setores de base.

Gráfico 3 – Produto Interno Bruto (PIB) – China



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do Broadcast

Gráfico 4 – Produto Interno Bruto (PIB) – Índia



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do Broadcast

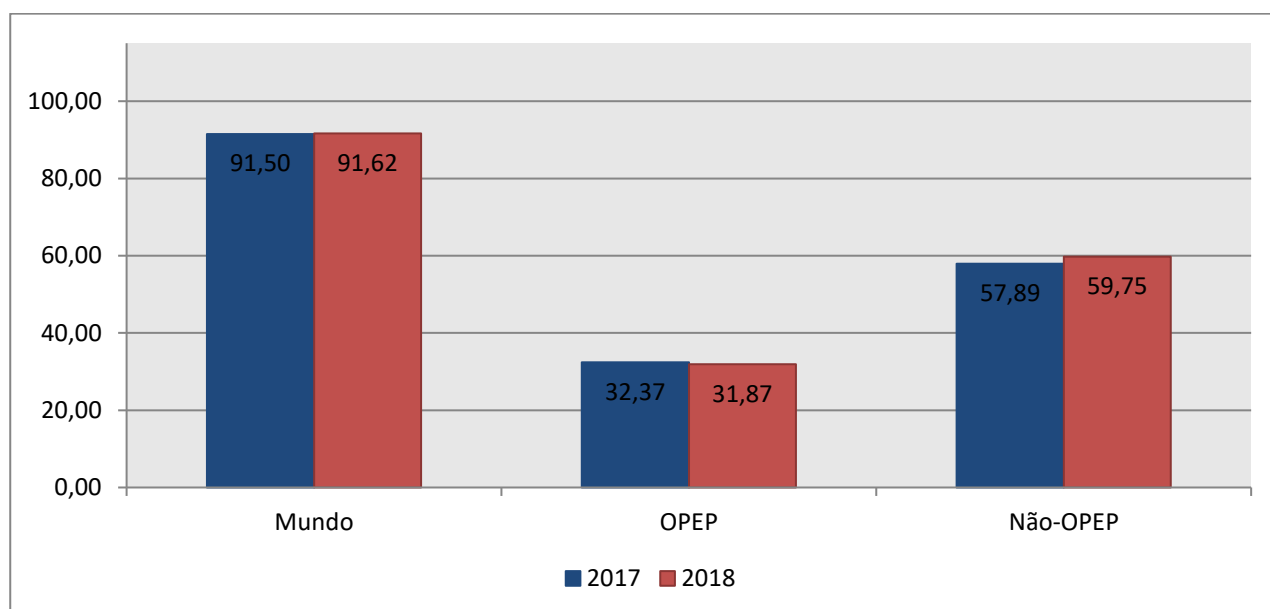
4 – Oferta

4.1 - Estimativa Relatório OPEP

De acordo com o relatório da OPEP, a oferta mundial de petróleo no mês de maio aumentou em 270 Mb/d, se comparada com a de abril, atingindo a média de 97,86 MMb/d, que por sua vez representa um aumento anual de 1,74 MMb/d. Dados referentes à produção de países não-membros da OPEP apontam um aumento de 230 Mb/d na comparação mensal, levando o total à média de 65,99

MMb/d. Deve-se chamar a atenção para o fato desse dado incluir a produção de gás natural líquido de países membros da OPEP. A organização reajustou para cima sua expectativa quanto à produção média de 2018 dos países não-membros em 130 Mb/d, passando para 59,75 MMb/d, considerando apenas a produção de petróleo bruto. Com esse reajuste, a variação anual desses países deverá ser de 1,86 MMb/d, apoiada em revisões da produção de países da OCDE relativas a um acréscimo de 79 Mb/d, com destaque para o Canadá e os EUA. Países que foram membros da União Soviética e a China também receberam destaque, com aumentos produtivos de 215 Mb/d e 81 Mb/d, respectivamente. Fontes secundárias apontam um aumento de 35 Mb/d na produção de países-membros da OPEP em maio, chegando à média de 31,87 MMb/d no mês.

Gráfico 5 – Estimativa de produção anual (OPEP)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da OPEP/EIA

4.2 - Estimativa Relatório EIA

A Energy Information Administration (EIA) estima que, em maio, a produção norte-americana de petróleo foi de, em média, 10,7 MMb/d. O resultado representa um aumento de 80 Mb/d em relação à abril. A agência projeta que a produção total dos EUA para o ano de 2018 atinja a média de 10,8 MMb/d, aumento de 1,4 MMb/d se comparado ao ano anterior. É também esperado um aumento da produção em 2019, atingindo 11,8 MMb/d.

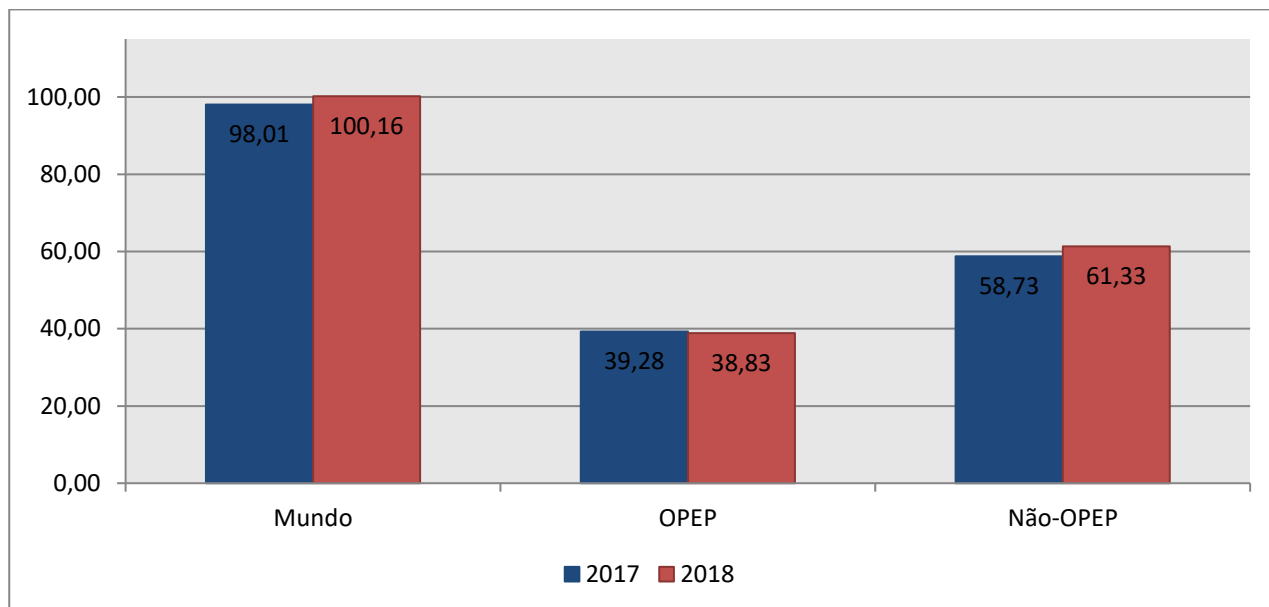
Em seu relatório, publicado em junho de 2018, a EIA novamente reajustou para baixo suas expectativas quanto à produção mundial de petróleo. As estimativas mais recentes apontam para uma produção total média de 100,16 MMb/d em 2018, que deverá ser seguida de um aumento em 2019 para 102,54 MMb/d. No boletim publicado em maio, as estimativas apontavam para uma produção média diária de 100,45 MMb/d para o ano de 2018 e 102,64 MMb/d em 2019. Ainda assim, essas

expectativas mostram um crescimento de 2,2% frente ao resultado de 2017, quando foram produzidos 98,01 MMb/d.

A contínua queda das expectativas quanto à produção mundial de petróleo se deve, principalmente, à diminuição da produção em países membros e parceiros da OPEP, tendo que vista que a organização mantém o acordo de diminuição da oferta, cujo objetivo é aumentar o valor de mercado da *commodity*. Ainda assim, como já indicado anteriormente, a produção da OPEP deve voltar a crescer em 2019, refletindo novos acordos firmados dentro da organização. A EIA estima que, em 2018, a OPEP produza, em média, 38,83 MMb/d. Para 2019, espera-se um aumento da produção da OPEP para 38,95 MMb/d. Os efeitos do acordo de corte da produção podem ser observados no Gráfico 7, onde pode-se ver que, em 2017, os países da OPEP produziram em média 39,28 MMb/d.

Para países não-membros da OPEP, a EIA espera um volume médio de 61,33 MMb/d em 2018 e de 63,60 MMb/d em 2019. Essas prévias mostram uma grande expectativa de crescimento nesses países frente aos anos de 2016 e 2017. Em 2018, a produção média dos países não-membros da OPEP deve aumentar em 4,4%, ou cerca de 2,6 MMb/d, frente a 2017, quando foram produzidos 58,73 MMb/d. Outro grupo que merece menção é a OCDE, que deve aumentar sua produção em 8,5% em 2018 frente a 2017, ou 2,34 MMb/d.

Gráfico 6 – Estimativa de produção anual (EIA)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da OPEP/EIA

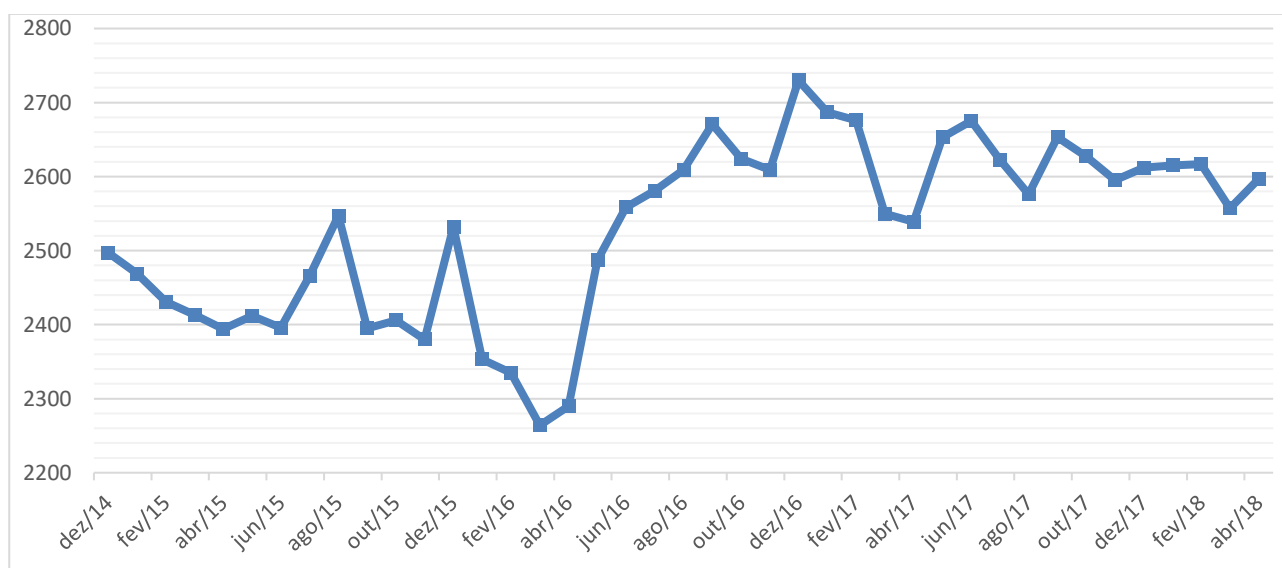
5 – Brasil

5.1 - Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção brasileira de petróleo no mês de abril de 2018 ocorreu em 7.519 poços, sendo 727 marítimos (*offshore*) e 6.792 terrestres (*onshore*). Se comparado ao mês anterior, houve uma diminuição total de 65 poços em operação, com uma redução de 82 poços *onshore* e um aumento de 17 poços *offshore*. A quantidade de poços marítimos representa pouco mais de 9% do total, ainda assim, 95,6% da produção local têm origem no *offshore*.

A produção nacional em abril registrou uma média de 2.597 MMb/d, o que representa um aumento de, aproximadamente, 1,6% em relação ao mês de março de 2018. Tal informação pode ser observada no Gráfico 7, onde percebe-se que o mês de abril costuma apresentar resultados melhores que em março, sendo geralmente o mês que marca a quebra da tendência de queda da produção que se registra no início do ano. Percebe-se, também, que a produção desse mês se mostrou maior que a registrada no ano anterior. A variação entre abril de 2017 e abril de 2018 foi de 2,3%.

Gráfico 7 – Histórico de produção de petróleo (em Mb/d)



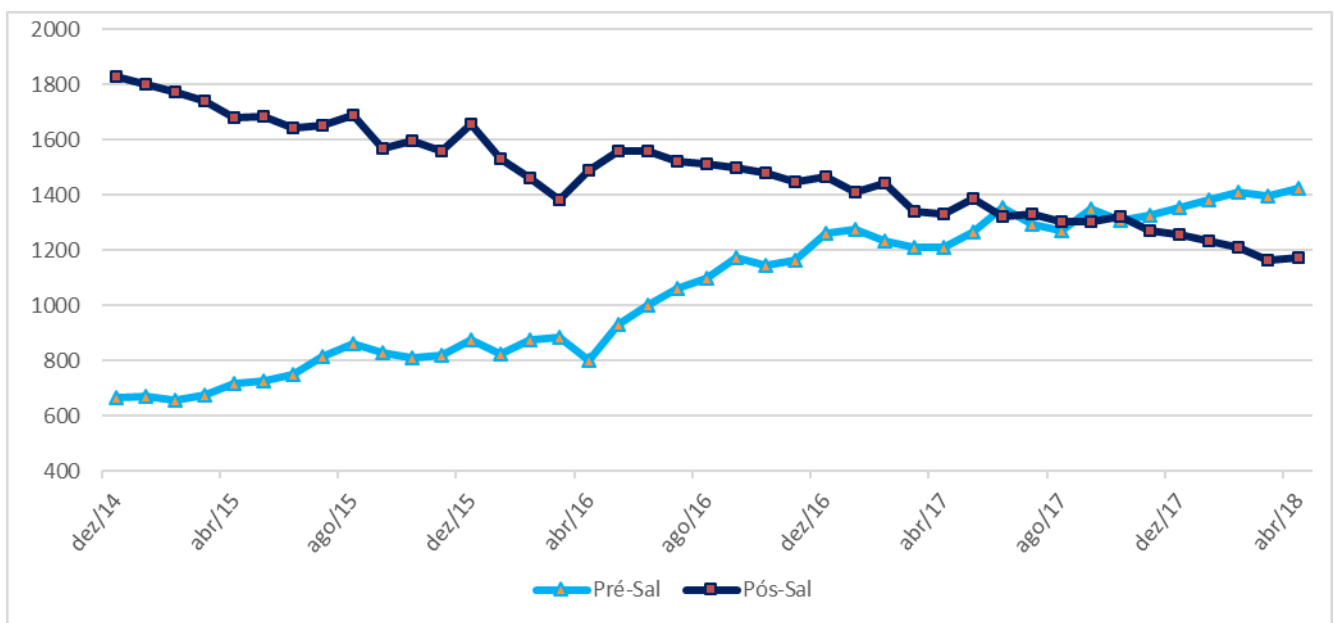
Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

5.2 - Pré-Sal X Pós-Sal

No mês de abril de 2018, a produção nacional com origem no pré-sal foi de 1,423 MMb/d. Tendo 86 poços em operação, o resultado do pré-sal representa 54,8% do total produzido no Brasil. Em relação a março, a extração nesses campos aumentou em 1,93%.

A produção nacional com origem no pós-sal foi de 1,174 MMb/d, o que equivale a 45,2% do produto nacional. Esse número reflete um aumento de 1,1% na comparação com o mês de março.

Gráfico 8 – Evolução da produção do Pré-Sal e do Pós-Sal (em Mb/d)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

O Gráfico 8 demonstra que, mesmo com o aumento da produção em relação ao mês anterior, a tendência de queda no pós-sal continua firme. Esse movimento é influenciado, em especial, pelo grau de maturidade atingido nos campos mais antigos. Por outro lado, a curva relacionada ao pré-sal vem registrando crescimento ao longo dos últimos anos, ultrapassando a produção originária no pós-sal pelo sexto mês consecutivo, algo que já havia ocorrido nos meses de junho e setembro de 2017 e que demonstra ser a tendência atual.

Cabe destacar, ainda, que a sustentação da produção nacional nesse patamar atingido nos últimos meses está diretamente atrelada ao resultado advindo do pré-sal, que vem compensando a queda da produção no pós-sal.

5.3 - Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia os cinco maiores. Detentores dos campos mais produtivos, os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo juntos representam 95,4% do resultado no setor.

De acordo com a ANP, o Estado do Rio de Janeiro possui maior destaque, pois foi responsável por 71% da produção nacional no mês de abril de 2018, com o somatório da produção dos outros quatro maiores estados representando 40% de sua produção total.

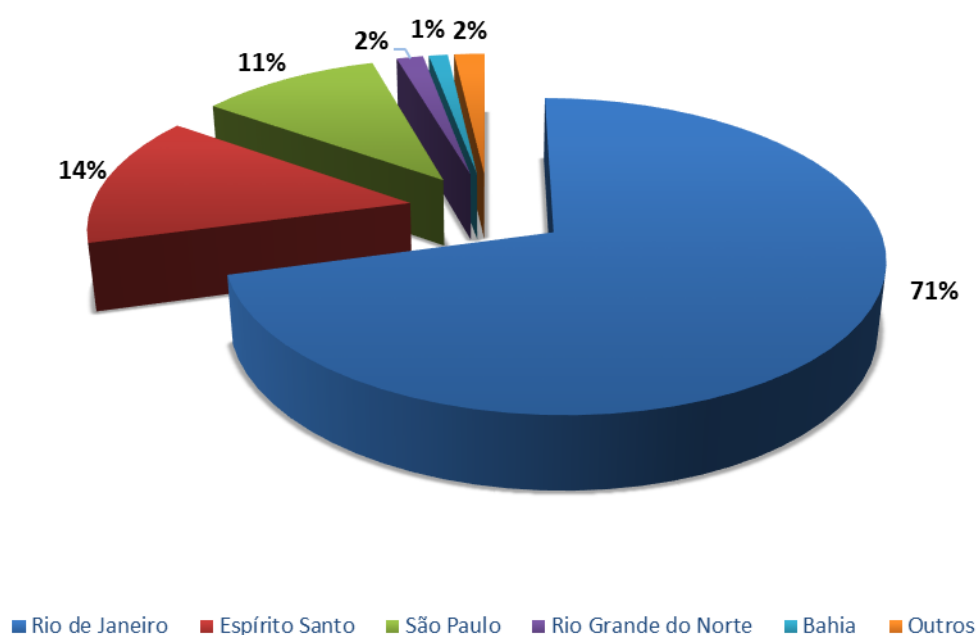
O Estado de São Paulo contou com apenas seis (6) poços em operação no mês de abril, mesma quantidade que em março. Esses poços apresentam elevado grau de rendimento; conduzindo, assim, o estado à posição de terceiro maior produtor do Brasil. O Quadro 1 e o Gráfico 10 trazem a posição relativa de cada estado quanto à sua participação no total produzido no mês.

Quadro 1 – Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PRODUÇÃO (em b/d)	Nº CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.837.592	39
Espírito Santo	363.975	46
São Paulo	277.655	6
Rio Grande do Norte	41.268	79
Bahia	29.365	82

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

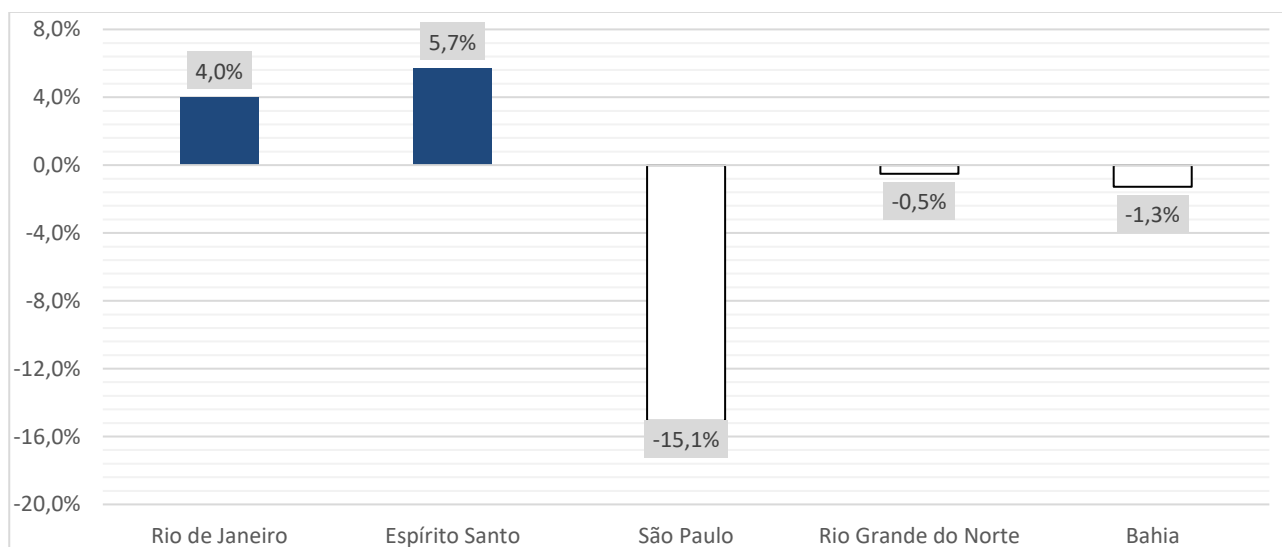
Gráfico 9 – Estados produtores (% da produção nacional)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

A influência da expansão do pré-sal no aumento da produção nacional em abril – que, em menor medida, foi auxiliado adicionalmente pela recuperação da produção na área do pós-sal – fica explicitada no Gráfico 10.

Gráfico 10 – Variação percentual da Produção dos Principais Produtores Estaduais



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

A produção fluminense registrou um expressivo aumento entre março e abril, de 4%, o que mostra uma forte recuperação, após a queda de 2,1% que a extração do estado sofreu em março. O Rio de Janeiro foi o estado com o segundo maior aumento percentual da produção de petróleo, atrás

apenas do Espírito Santo, cuja produção teve alta de 5,7% na comparação mensal. Ainda assim, devido ao tamanho total da produção dos dois estados, o Rio de Janeiro foi o que mostrou a maior elevação em quantidade de barris de petróleo, produzindo, em média, 70.643 b/d a mais que em março, enquanto que Espírito Santo produziu 19.661 b/d a mais que no mês anterior. Por outro lado, o Estado de São Paulo registrou uma grande queda em sua produção, de 15,1%, ou 49.286 b/d. Rio Grande do Norte e Bahia também registraram queda em suas produções, de 0,5% e 1,3%, respectivamente. Essas variações não podem ser explicadas apenas pelas diferenças no número de campos produtores nesses estados entre os meses de março e abril. Ainda que o aumento da produção do Espírito Santo e do Rio de Janeiro tenha sido acompanhado pela alta na quantidade de poços produtores (de 45 para 46 no ES e de 35 para 39 no RJ), o Estado de São Paulo manteve a mesma quantidade de poços em operação que no mês anterior e sofreu a grande perda antes mencionada. Considerando a produção dos 10 maiores estados, houve a perda de apenas 1 campo produtor no total comparado a março.

5.4 - Bacias

Grande parte das jazidas de petróleo brasileiras estão situadas em bacias sedimentares. As bacias não se restringem apenas a uma unidade federativa, podendo abranger dois ou mais estados. Atualmente, a produção nacional é oriunda de doze bacias, entre as quais se destacam a Bacia de Campos – ES/RJ; a Bacia de Santos – PR/RJ/SP; a Bacia Potiguar – CE/RN; a Bacia do Espírito Santo – ES e a Bacia do Recôncavo – BA.

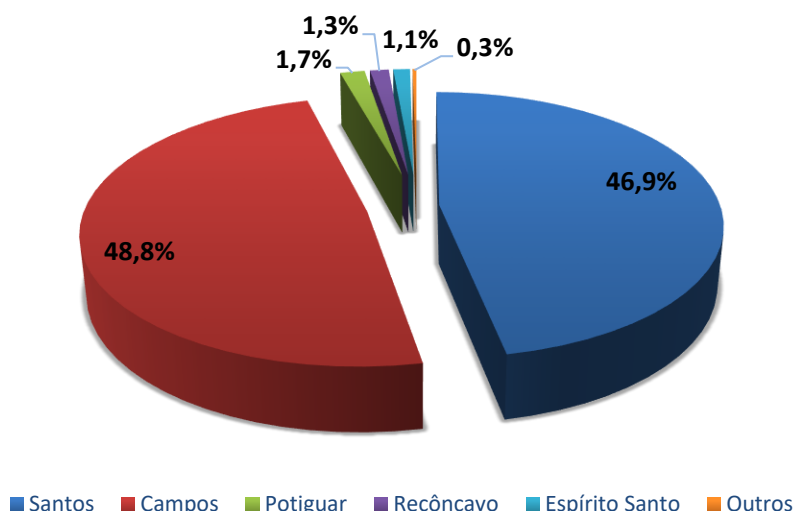
No mês observado, a Bacia de Campos e a Bacia de Santos representaram 95,7% da produção nacional, o que atesta a extrema concentração na capacidade produtiva do país. O Quadro 2 e o Gráfico 12 ilustram essa convergência no produto local.

Quadro 2 – Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Santos	1.247.665	12	Paraná/Rio de Janeiro/São Paulo
Campos	1.199.195	41	Espírito Santo/Rio de Janeiro
Potiguar	42.347	81	Ceará/Rio Grande do Norte
Espírito Santo	32.362	38	Espírito Santo
Recôncavo	28.991	76	Bahia

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

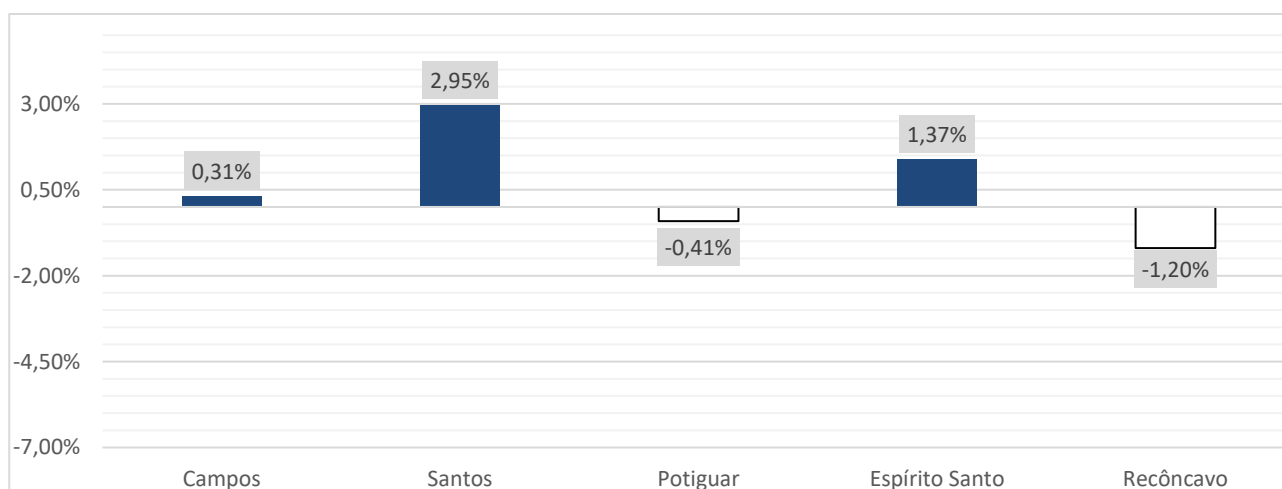
Gráfico 11 – Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2,597 MMb/d, um aumento em relação à produção de março. No gráfico 12 é possível observar a variação da produção de cada uma das principais bacias em março se comparado com março.

Gráfico 12 – Variação de Produção das Principais Bacias (abr18/mar17)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Em abril, três das principais bacias apresentaram alta em sua produção, com destaque para a Bacia de Santos, que além de ser a maior produtora, foi a que registrou maior crescimento no mês. Com apenas um campo a mais, a bacia produziu, em média, 36.821 a mais por dia que no mês anterior, sendo assim a principal responsável pelo aumento da produção nacional. Deve-se chamar atenção para os resultados da Bacia do Espírito Santo. Após registrar cinco quedas seguidas, em sua produção, esta conseguiu inverter a tendência de diminuição com um forte aumento em relação ao mês anterior. O seu resultado reflete uma elevação da produtividade dos campos, uma vez que a produção foi maior

mesmo mantendo-se a quantidade de campos produtores registrada no mês anterior, 38. Ainda assim, como a produção total nessa bacia é comparativamente pequena, o impacto no agregado nacional não é tão relevante, apesar de positivo. Assim, mesmo registrando a segunda maior variação percentual, o acréscimo geral foi de, apenas, 444 barris por dia.

A Bacias de Campos e a Bacia de Santos contaram, respectivamente, com a produção de 4 e 1 campos a mais que no mês anterior, o que ajuda a explicar o aumento em seus níveis diários e a diferença de participação entre as bacias, como se pode observar no Gráfico 13. As bacias de Potiguar e do Recôncavo, que registraram queda em relação ao mês anterior, perderam, respectivamente, 1 e 7 campos.

5.5 - Campos

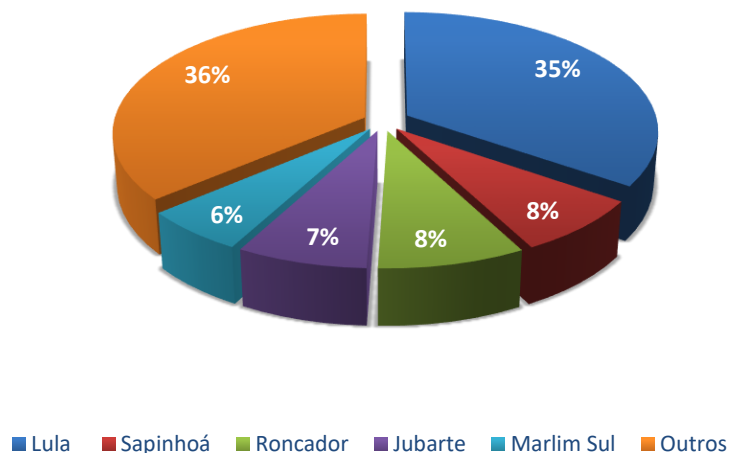
No que diz respeito aos campos, é possível destacar os maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Os cinco campos juntos representam quase 64% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos, como retratado no Quadro 3.

Quadro 3 – Distribuição da Produção por Campo

CAMPO	PRODUÇÃO (Mb/d)	LOCALIZAÇÃO
Lula	898	Santos
Sapinhoá	198	Santos
Roncador	217	Campos
Jubarte	192	Campos
Marlim Sul	153	Campos

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP.

Gráfico 13 – Produção de Petróleo por Campo (% da produção total)

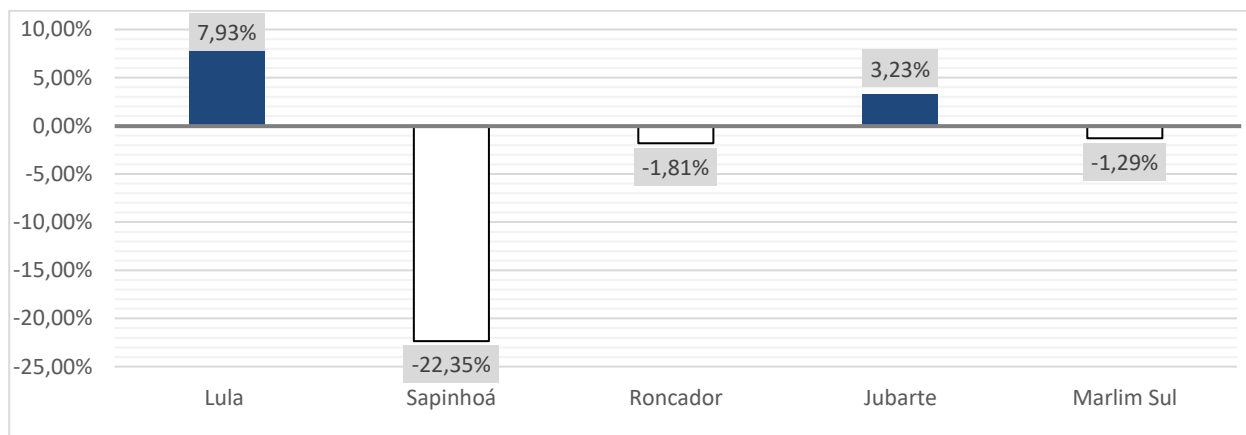


Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

O Campo de Lula, maior produtor nacional, foi novamente o destaque no mês de abril de 2018. A produção desse campo registrou mais um recorde, com uma produção média de 898 Mb/d, um aumento de 66 Mb/d em relação a março, algo em torno de 7,9%. Este campo é responsável por 54,1% da produção total entre os cinco maiores campos do país, e tem mostrado grande variação em sua produção, alcançando níveis recordes de produção em novembro de 2017 e fevereiro de 2018, com períodos de ajuste entre esses meses.

Conforme comunicado oficial da Petrobras, a elevação da produção no Campo de Lula se deve em grande forma pela retomada da produção no FPSO Cidade de Angra dos Reis, localizado no Campo de Lula, na Bacia de Santos, após interrupção para manutenção. Assim, esta plataforma produziu 38,25% a mais que em março, um pouco menos que 27 Mb/d.

Gráfico 14 – Variação percentual de produção dos principais Campos



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Sapinhoá, localizado no Estado de São Paulo, sofreu uma enorme queda em sua produção, de 22,35%, perdendo o segundo lugar entre os maiores campos para Roncador, campo que também registrou baixa em sua produção, de 1,81%. Essa queda da produção se deve principalmente à redução da produção na FPSO Cidade de São Paulo, que obteve um resultado 52,39% menor que no mês anterior. A FPSO Cidade de Ilha Bela, também localizada no Campo de Sapinhoá, mostrou alta em sua produção em relação ao mês anterior, porém os 1.864 barris produzidos a mais por dia nesse campo não foram capazes de compensar a baixa de 59.319 barris diários da FPSO Cidade de São Paulo. A elevação produtiva na FPSO Cidade de Ilha Bela na verdade é apenas uma recuperação da queda registrada no mês de março, de 3,37%.

O Campo de Roncador, segue em tendência de baixa produtiva desde fevereiro, quando tinha se recuperado de uma diminuição da produção em janeiro. Este campo produziu 4 Mb/d a menos que em março, mês que já tinha registrado queda de 2 Mb/d frente a fevereiro.

O Campo de Jubarte, localizado na Bacia de Campos, segue em crescimento desde janeiro deste ano, registrando aumento produtivo de 3,23% em abril. Entretanto, essa elevação foi reprimida pela queda da produção da plataforma PETROBRÁS 58, que sofreu diminuição de 2,48% em relação a março.

5.6 – Considerações Finais

O ano de 2018 começou mantendo o nível de produtividade próximo à média alcançada no ano passado – acima dos 2,6 MMb/d. Entretanto, essa tendência foi quebrada no mês de março, com uma produção média bem inferior à dos últimos meses. Assim, o mês de abril representa uma recuperação da produção brasileira, que deve continuar se elevando ao longo do ano.

O resultado agregado para a indústria petrolífera brasileira indica um crescimento de 1,6% em relação ao mês anterior, que reflete a recuperação da produção tanto no pré-sal quanto no pós-sal.

O Campo de Lula, no pré-sal, liderou novamente o resultado do mês, com aumento de sua produção de 66 Mb/d.

Entre os cinco principais estados, apenas o Rio de Janeiro e o Espírito Santo apresentaram resultados positivos, com alta conjunta de, aproximadamente, 90 Mb/d.

A atividade nos demais estados mostrou fortes quedas, principalmente em São Paulo, estado que registrou decréscimo de 15,1% em sua produção frente ao mês anterior. O Estado do Rio Grande do Norte sofreu redução de 0,5% e o Estado da Bahia, de 1,3%.

Em comunicado oficial, a Petrobras aponta o término das manutenções na FPSO Cidade de Angra dos Reis, localizado no Campo de Lula, e o início das operações do FPSO P-74, localizado no Campo de Búzios, como importantes fatores para o aumento da produção em abril. Estas duas plataformas extraem do pré-sal, na Bacia de Santos.

Glossário

MMb/d: milhões de barris por dia

Mb/d: milhares de barris por dia

Bibliografia

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

EIA: Energy Information Administration - Vinculada ao Departamento de Energia norte-americano.

ANP: Agência Nacional de Petróleo.

Gerência de Operações e Planejamento

Gerente de Operações e Planejamento

Kelli Manhães Pessanha

Coordenadores

Bruno Luís Lacerda dos Santos

Rodrigo Santos Martins

Equipe Técnica

Alisson José Ramos Batista

Ângela Maria Monteiro Pandolfo

Flávio Carramanhos Werneck

Flávio Silva do Carmo

Juliana Chaves Monteiro

Matheus Pinto Rebouças

Níckolas Ribeiro da Costa Cardoso

Pedro Daflon Fraiz

Priscila Ramalho do Valle Gonçalves

Rafael de Macedo Zappa

Teresa Luiza da Silva Dias